

Anna Rzepka 

Universidade Jaguelónica

a.rzepka@uj.edu.pl

Alguns apontamentos sobre os manuscritos portugueses da Biblioteca Jaguelónica de Cracóvia

Resumo:

O objetivo principal do artigo consiste em apresentar brevemente uma coleção de manuscritos ibéricos do acervo da Biblioteca Universitária Jaguelónica de Cracóvia. Trata-se de uma coleção quase desconhecida no âmbito dos estudos filológicos ibero-românicos. O texto foca alguns manuscritos portugueses deste conjunto, no contexto da receção da literatura e história portuguesas na Europa Central, nos séculos XVIII e XIX.

Palavras-chave: manuscritos portugueses, receção, Europa Central

Abstract:

Some Notes on Portuguese Manuscripts at the Jagiellonian Library in Krakow

The main purpose of this paper is to present a collection of Iberian manuscripts from the Jagiellonian Library in Krakow, very little known in the field of the Ibero-Romance philological studies. The article focusses on some Portuguese manuscripts in the context of the reception of Portuguese literature and history in Central Europe, in the 18th and 19th centuries.

Keywords: Portuguese manuscripts, reception, Central Europe

Para apresentarmos os manuscritos portugueses resguardados, na atualidade, na Biblioteca Universitária Jaguelônica de Cracóvia¹, é conveniente, em primeiro lugar, enquadrá-los num cenário mais vasto, considerando-os tanto no âmbito da coleção da qual são uma componente, como no do conhecimento e da receção da literatura e cultura portuguesas na Europa Central, principalmente na Alemanha, nos séculos XVIII e XIX. A importância do contexto alemão baseia-se no facto de que os manuscritos em questão pertenceram, na sua origem, ao acervo da Biblioteca Estatal Prussiana de Berlim (Preussische Staatsbibliothek zu Berlin), chegando a Cracóvia em 1945-1946, junto com outros tesouros da livraria alemã, salvaguardados da contenda bélica durante a Segunda Guerra Mundial, para serem depositados na BJ, o seu paradeiro atual. Esta valiosa coleção, conhecida hoje sob as denominações de Coleção Berlinense ou Berlinka, permaneceu inacessível à comunidade internacional de estudiosos ao longo de mais de três décadas após a sua transição para Cracóvia.

Em consequência, fora da Polónia, a Berlinka foi dada como definitivamente perdida ou destruída como tantos outros bens culturais danificados nos conflitos armados. Contudo, no início dos anos 80 do século passado anunciou-se a sua redescoberta na biblioteca cracovienese, o que causou uma grande repercussão nos círculos de especialistas sumamente interessados no estudo da coleção². No entanto, os esforços dos investigadores nacionais e estrangeiros permitiram apenas em parte analisar e avaliar devidamente o conteúdo da Coleção Berlinense, muito vasto e heterogéneo, que abrange diversas peças de inestimável valor patrimonial, histórico, literário e cultural³.

A título de exemplo, entre os mais destacáveis documentos manuscritos e iconográficos encontram-se sete “volumes brasileiros” dos

¹ Esta biblioteca será referida através da sigla BJ.

² Para conhecer a história da Coleção Berlinense, complexa e sinuosa, veja os artigos de (Pietrzyk, 2005, 2008).

³ Por exemplo, os manuscritos musicais autógrafos de Beethoven, Mozart, Schumann, Brahms, Haydn e outros compositores de renome. Uma concisa descrição da Coleção Berlinense na sua totalidade e de alguns projetos de investigação já realizados, relativos ao seu conteúdo em: Jaglarz, 2008.

*Libri Picturati*⁴, um elemento-chave na herança científica do Brasil Holandês, que constitui uma das jóias do património bibliográfico e artístico daquela rica e importante etapa do período colonial brasileiro, quando, entre 1637 e 1644, à frente das províncias holandesas no Brasil esteve o conde João Maurício de Nassau-Siegen (1604-1679). Trata-se de um conjunto de mais de 800 desenhos em diversas técnicas: a óleo, giz, pincel, aquarelas e guaches sobre papel. É uma coleção de imagens de várias espécies da fauna e flora tropicais, assim como de figuras dos índios do nordeste do Brasil, pintadas *ad vivum* pelos artistas e cientistas da comitiva nassoviana, na qual se integraram, entre outros, Georg Marcgraf (1610-1644), Willem Piso (1611-1678), Albert Eckhout (1610-1666) e Frans Post (1612-1680). Foram esses intelectuais e pintores que, sob o patrocínio do governador Nassau, descreveram e visualizaram a realidade das possessões neerlandesas no Brasil, através de uma série de obras científicas e de arte, fundamentais para a divulgação do conhecimento sobre a natureza e os povos americanos na comunidade erudita europeia nos séculos XVII ao XIX⁵.

Dado que uma abordagem mais abrangente dos “volumes brasileiros” dos *Libri Picturati*, do seu conteúdo e da história é o tema principal doutro artigo da nossa autoria (Rzepka, 2014), o texto que aqui se apresenta foca os manuscritos portugueses da Coleção Berlimense datados do século XIX, ainda pouco conhecidos⁶, que, com

⁴ A coleção *Libri Picturati* foi criada na biblioteca berlinense por volta de 1828, abrangendo 144 volumes ilustrados de mais variada temática, entre outros a zoológica e botânica. Alguns tesouros deste conjunto, inclusive os “volumes brasileiros”, foram apresentados em: *Skarby Biblioteki Jagiellońskiej* (2009), Prowincjonalna Oficyna Wydawnicza, Proszówki-Kraków, pp. 64-65, 186-187 e 197-198.

⁵ Sobre os “volumes brasileiros” dos *Libri Picturati* escreveram, entre outros: Parker Brienem, 2006 e Whitehead, Boeseman, 1989.

⁶ A primeira abordagem dos manuscritos em questão foi feita no âmbito do projeto de investigação *The history of the collection of Romance manuscripts in the Berlin collection at the Jagiellonian Library in Cracow. Supported by a grant from Iceland, Liechtenstein and Norway through the EEA Financial Mechanism*. O projeto, realizado pelo grupo *Fibula* dirigido pelo Professor Doutor Piotr Tylus do Instituto de Literaturas e Línguas Românicas da Universidade Jaguelônica de

efeito, estão à espera de um estudo mais sistemático e aprofundado para podermos decifrar, na medida do possível, todos os seus enigmas.

Entre as numerosas unidades menores que compreende a Berlinka encontra-se uma coleção de manuscritos ibéricos, composta de dois conjuntos que parecem inseparáveis: o de *Manuscripta Lusitana* e o de *Manuscripta Hispanica*. Um elemento unificador nesse caso constitui o facto de, tanto os manuscritos portugueses do primeiro conjunto, como os espanhóis do segundo, aludirem ao mesmo espaço, o da Península Ibérica ou Espanhola, designação que, ao longo do século XIX, quando teve lugar o mais dinâmico desenvolvimento da Coleção Berlinkense graças às novas aquisições de livros (Rzepka, Sosnowski, Tylus, 2011), quase sempre incluía Portugal (Loureiro Borges, 2011: 420).

Além disso, do ponto de vista da história da coleção, os manuscritos lusitanos e os hispânicos inscrevem-se num contexto comum, que reflete o processo de receção das literaturas ibero-românicas na Alemanha através das iniciativas de tradução ou adaptação de textos literários peninsulares, publicações científicas, comentários especializados e polémicas, etc., promovido por um círculo de intelectuais germânicos, cada vez mais inclinados para essa matéria, a partir do início do século XIX, à medida que a sensibilidade romântica se ia afirmando. Esta despertou a curiosidade pelas regiões e culturas até então relativamente pouco conhecidas, por exemplo da Suécia, Córsega ou da Ibéria, incluindo o território situado no extremo ocidental da Península. No caso de Portugal, as raízes dessa atividade remontam ao século anterior, às décadas posteriores à catástrofe sísmica de Lisboa em 1755, que chamou a atenção da Europa para o longínquo país nos confins do continente⁷. Ao mesmo tempo, na segunda metade do século XVIII,

Cracóvia, foi subvencionado também pelo Ministério da Ciência e Educação Superior da Polónia (2008-2011). Para conhecer os resultados da pesquisa relativos aos manuscritos ibéricos da Berlinka, inclusive os portugueses, veja em: Rzepka, Sosnowski, Tylus, 2011: 42-61, 69-71, 115-134, 143-144.

⁷D. Briesemeister explica que “somente com o Terremoto de 1755, com as reformas iniciadas pelo Marquês de Pombal e a expulsão dos Jesuítas em 1759,

assistiu-se a um considerável incremento da *Bildungsreise* [viagem de formação]. [...] O interesse generalizado pelo “outro”, por outros países e por outras culturas, era sintónico com o espírito da Época das Luzes, assente nas ideias da experiência emancipadora e da universalidade do homem (Pinhão Ramalheira, 2004: 156).

Naquele período, a pátria de Camões, embora vista como periférica em relação aos principais percursos do *Grand Tour*, tornou-se, paulatinamente, destino habitual de viajantes oriundos do centro e do norte da Europa. Com efeito, a literatura de viagens sobre Portugal, assim como a bibliografia dedicada à história, geografia, língua e literatura da Península Ibérica em geral cresceram em quantidade, o que demonstra a ressonância que as mencionadas tendências tiveram entre os eruditos da época nessas partes da Europa.

Outro fator de grande importância que convém pôr em relevo é a emergência da Filologia Românica, que constituiu a base para os futuros Estudos Espanhóis e Portugueses, como disciplina autónoma na Alemanha⁸. Os seus fundamentos foram estabelecidos de forma gradual a partir de 1734, ano da fundação da Universidade de Göttingen⁹. Aos professores desse centro académico, e em especial a Johann Andreas Dieze (1729-1785), que em 1756 começou a trabalhar como professor de espanhol e bibliotecário em Göttingen, sendo o precursor da Filologia Hispânica na Alemanha, devem-se as primeiras importantes publicações em alemão sobre a história e a literatura de Portugal (Briesemeister, 2007: 314). Estas, na viragem para o século XIX, serviram de fonte de informação e de um notável estímulo para a atividade dos intelectuais coevos e da geração posterior, já inspirados na estética romântica. As figuras mais destacáveis desse período foram, sem dúvida, Friedrich Bouterwek (1766-1828), professor da Universidade

Portugal teve repercussão internacional” (2007: 311).

⁸ Uma pormenorizada análise deste tema oferece o artigo de (Frateschi Vieira, 2005: 17-24).

⁹ Para conhecer o contexto em que se desenvolveram as atividades relativas ao ensino e à análise da literatura portuguesa na Universidade de Göttingen veja o artigo de (Krapoth, 2007: 279-310).

gotinguense, e dois irmãos, August Wilhelm (1767-1845) e Friedrich Schlegel (1772-1829), que efetuaram uma etapa do seu percurso acadêmico em Göttingen. Os seus méritos na divulgação da literatura peninsular, inclusive a portuguesa, no espaço alemão são bem conhecidos¹⁰, principalmente no caso de Friedrich Schlegel, que deu um grande impulso à receção de Camões na Alemanha no início do século XIX, abrindo uma nova fase nos estudos camonianos germânicos¹¹. Ao longo daquela centúria, em relação à área lusitana da literatura ibérica, a obra de Camões tornou-se o foco principal de interesse dos eruditos alemães, o que confirmam várias iniciativas de tradução de *Os Lusíadas* e publicação de ensaios de carácter histórico-biográfico e crítico, assim como produções literárias originais, consagradas ao poeta português¹². Segundo Maria Manuela Gouveia Delille, a Alemanha do século XIX foi “o lugar privilegiado dos estudos camonianos na Europa” (2011: 760).

Nesse contexto vale a pena salientar o papel das bibliotecas universitárias que, graças à sua política de aquisição de livros, ofereceram aos estudiosos germânicos excelentes condições, através do acesso a diversas obras das literaturas ibéricas *in situ*. A livraria da Universidade de Göttingen, considerada “uma das bibliotecas mais importantes para investigação na Europa” (Krapoth, 2007: 288) naquela altura, já

¹⁰ É importante sublinhar também a projeção internacional das teorias sobre a literatura europeia, inclusive a ibérica, contidas nas obras *Geschichte der alten und neuen Literatur* (História da literatura antiga e moderna, 1815) de F. Schlegel, *Über dramatische Kunst und Literatur* (Lições sobre a arte e a literatura dramáticas, 1809-1811) de A. W. Schlegel e *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des Dreizehnten Jahrhundert* (História da Poesia e Eloquência desde o final do século XIII, 1801-1819) de F. Bouterwek. Este tema foi apresentado por (Cabo Aseguinolaza, 2010: 1-52).

¹¹ “É irrefutável que a este grande homem de letras [Friedrich Schlegel] e a seu irmão, August Wilhelm Schlegel, se deve um melhor e mais profundo conhecimento da obra poética de Camões” na Alemanha oitocentista (Gouveia Delille, 2011: 740-754).

¹² A algumas dessas publicações e à sua importância no contexto da difusão da literatura portuguesa na Alemanha referem-se (Martins, Garraio, 2000: 15-44) e (Martins, 2000: 45-185).

no século XVIII possuía “uma impressionante coleção de livros hispânicos raros e antigos” (Benavent Montoliu, 1998: 48), que abrangia também “um conjunto considerável de livros portugueses” (Krapoth, 2007: 290), entre outros, aqueles comprados em Lisboa por Wilhelm Graf zu Schaumberg-Lippe (Ibidem: 289). Sabe-se que o seu acervo serviu a numerosos ilustrados e românticos alemães, que se inclinavam para os temas ibéricos: junto com os acima referidos Johann Andreas Dieze¹³, Friedrich Bouterwek e os irmãos Schlegel, pode-se mencionar Gottfried August Bürger (1747-1794), Ludwig Tieck (1773-1853) ou Jakob Grimm (1785-1863) (Benavent Montoliu, 1998: 48-50).

No que diz respeito à coleção de manuscritos ibéricos da biblioteca berlinesa atualmente disponível em Cracóvia, a pesquisa dedicada à história deste conjunto permite constatar que o seu desenvolvimento acompanhou o processo de assimilação progressiva da temática peninsular pelos estudiosos da Alemanha, apresentado aqui de forma muito resumida. No presente trabalho parece-nos importante evocar alguns dos aspetos da história desta coleção, pretendendo colocá-los no contexto do mencionado processo.

Segundo os antigos catálogos e inventários da biblioteca de Berlim conservados até à data e outras fontes que nos proporcionaram algumas informações acerca do passado dos *Manuscripta Hispanica* e dos *Manuscripta Lusitana*¹⁴, a maioria dos volumes da coleção foi adquirida pela livraria berlinesa entre 1818 e 1828, período correspondente à etapa durante a qual os estudos no domínio ibero-românico se espalhavam e arraigavam cada vez mais entre as elites cultas alemãs, não apenas em Göttingen, mas também em Hamburgo, Weimar, Leipzig, Dresden e Berlim (Benavent Montoliu, 1998: 48-50). Trata-se de uma coleção que naquela época estava em crescimento, através da qual a biblioteca berlinesa pretendia responder às diversas necessidades e expectativas dos seus leitores, o que atesta a grande variedade

¹³ A importância de J. A. Dieze para esta biblioteca foi apresentada no artigo de (Eck, 1991: 126-134).

¹⁴ Para saber mais sobre o sucessivo desenvolvimento histórico da coleção, consulte a monografia de: Rzepka, Sosnowski, Tylus, 2011.

do seu conteúdo. A coleção de manuscritos ibéricos, embora não muito abundante – na sua totalidade engloba aproximadamente 116 volumes que compreendem mais de 350 textos, escritos entre meados do século XV e as primeiras décadas da centúria passada – é muito diversificada do ponto de vista do carácter e da temática dos manuscritos.

No entanto, neste conjunto destacam-se, pela numerosidade dos textos, duas áreas que no século XIX foram de principal importância na divulgação do conhecimento sobre o espaço ibérico na Alemanha: a história e a literatura. Além disso, o que atrai a atenção é a grande desproporção quantitativa entre os *Manuscripta Lusitana* e os *Manuscripta Hispanica*: o primeiro conjunto, composto de escassos volumes, apresenta-se como um complemento do segundo que, com efeito, constitui o núcleo da coleção. Por outro lado, a distinção entre os manuscritos portugueses e os espanhóis através de diferentes cotas – as dos manuscritos lusitanos contêm as abreviaturas *Lus.* ou *Lusitan.*, e as dos hispânicos a abreviatura *Hisp.* – indica que a biblioteca berlinense não pretendia, provavelmente, deixar o conjunto de *Manuscripta Lusitana* nessa forma embrionária, vendo-o apenas como uma componente do conjunto de *Manuscripta Hispanica*, mas desenvolvê-lo sucessivamente, tendo em consideração a crescente consciência na Alemanha, graças, entre outros fatores, ao desenvolvimento dos estudos filológicos, da independência histórica, literária e cultural do espaço português em relação ao espanhol, do seu enorme valor e riqueza¹⁵.

A partir dos anos 70 do século XIX, uma eminente intermediária entre a cultura portuguesa e alemã foi, sem sombra de dúvida, Carolina

¹⁵ Segundo D. Briesemeister, no século XVIII “na Alemanha, Portugal era muitas vezes visto indistintamente da Espanha, uma consequência tardia da união com a coroa espanhola (1580-1640) e expressão do parco conhecimento sobre o país” (2007: 311). Além do mais, na etapa inicial dos estudos ibero-românicos germânicos, a tradição hispânica estava em primeiro plano, e a portuguesa ganhou mais prestígio com o decorrer do tempo, o que se deve, em grande parte, ao entusiasmo dos românticos alemães (ibidem: 325). Com esta opinião concorda F. Cabo Aseguinolaza: “Portuguese literature was a sort of *terra incognita* for European scholars during this period [as primeiras décadas do século XIX]” (2010: 22).

Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925), nascida e educada em Berlim, mas que fixou a sua residência em Portugal, em 1876, após o casamento com o musicólogo e historiador de arte Joaquim de Vasconcelos. Entre as variadas contribuições da filóloga que enriqueceram o conhecimento da literatura medieval e renascentista portuguesa e, em especial, da lírica trovadoresca, ao nível internacional, salienta-se a monumental edição crítica e comentada do *Cancioneiro da Ajuda*, publicada em 1904 em Halle na Alemanha¹⁶, fruto de uma minuciosa investigação realizada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos ao longo de 27 anos da sua vida.

No segundo volume deste trabalho, no contexto da história do códice, enumerando as cópias manuscritas da obra feitas no início de Oitocentos, ou seja, no período da descoberta do códice original na biblioteca do Colégio Real dos Nobres em Lisboa, a estudiosa menciona uma transcrição completa do *Cancioneiro*, conservada naquela época na biblioteca de Berlim¹⁷. A cópia em questão, com o título impresso na encadernação do volume, *Cancioneiro velho portuguez*¹⁸, foi

¹⁶ *Cancioneiro da Ajuda* (1990). Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um Prefácio de Ivo Castro e do Glossário das Cantigas (*Revista Lusitana*, XXIII). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Trata-se da “edição do CA [que] é uma das obras mais importantes da investigação românica e continua a ser de consulta indispensável para todos os investigadores” (Lorenzo, 1993: 655). Um esboço biográfico e uma sinopse da atividade científica de C. Michaëlis de Vasconcelos no contexto do desenvolvimento dos estudos filológicos na Alemanha e em Portugal oferece (Frateschi Vieira, 2005).

¹⁷ “De 1819 a 1849 e posteriormente tiraram-se algumas copias do codice. Já falei das que me são conhecidas: uma, destinada a Robert Southey, a qual hoje se guarda na bibliotheca regia de Berlim; a de Lord Stuart Rothesay, annunciada no Catálogo dos seus livros e vendida em leilão, mas cuja paragem actual ignoro; outra, executada para o Morgado Matheus que é actualmente propriedade de Th. Braga (segundo informação pessoal); mais uma que pertenceu à casa de Villareal; e ainda outra, em papel de linho filigrana, tirada pelo paleographo J. P. da Costa Bastos, a instancias da Academia das Sciencias, quando planeavam editar, as Trovas, perto de 1870” (*Cancioneiro da Ajuda*, 1990: vol. II, 103).

¹⁸ A cota do volume: Ms. Lusitan. I.

localizada em 2004 na biblioteca cracoviense por Carlo Pulsoni e Mariña Arbor Aldea¹⁹, que desenvolveram uma investigação em torno dela, baseada no cuidadoso exame do manuscrito e na pormenorizada análise das fontes do século XIX relativas ao *Cancioneiro*.

Segundo a hipótese lançada pelos estudiosos, tratar-se-ia da primeira entre as cópias oitocentistas do *Códice da Ajuda* conhecidas até à atualidade: na opinião de Carlo Pulsoni e Mariña Arbor Aldea, existente já em 1810, transcrita diretamente do original por Bernardo José de Figueiredo e Silva, o qual terá sido, supostamente, um copista profissional de origem brasileira que trabalhava em Lisboa (Pulsoni, Arbor Aldea, 2004: 739). O manuscrito pertenceria a Charles Stuart de Rothesay (1779-1845), embaixador do Governo britânico em Portugal entre 1810 e 1814 e um bibliófilo de renome (Arbor Aldea, 2008^a: 50). A este diplomata se deve a iniciativa de publicar a primeira edição impressa do *Cancioneiro*, embora em número bastante reduzido de apenas 25 exemplares, sob o título *Fragmentos de hum Cancioneiro inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa*, que veio a lume em Paris, em 1823²⁰. É possível, embora não seja certo, que a cópia de Cracóvia tenha servido de modelo para essa importante edição do códice (Arbor Aldea, 2009: 85), pertencendo à biblioteca particular de Stuart até ao ano de 1855, quando foi vendida em leilão. Naquele ano, provavelmente, o manuscrito passou para a coleção do alto funcionário do Estado da Prússia, Carl Hermann von Thile (1812-1889). Quatro anos depois, este diplomata e ministro dos negócios estrangeiros doou a cópia em questão à biblioteca de Berlim. Um ex-líbris de Carl H. von Thile e uma apostilha alemã numa folha de guarda do volume, escrita com certeza por um bibliotecário

¹⁹ Os resultados desta investigação nos estudos de (Arbor Aldea, Pulsoni, 2004: 721-789) e (Arbor Aldea, Pulsoni, 2006: 59-117).

²⁰ Stuart de Rothesay, Ch. (1823), *Fragmentos de hum Cancioneiro inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa, impresso á custa de Carlos Stuart Socio da Academia Real de Lisboa*. Em Paris, no Paço de Sua Magestade Brittanica.

anónimo, comprovam que o manuscrito se encontrava na Coleção Berlimense a partir de outubro de 1859²¹.

Mariña Arbor Aldea sublinha o enorme valor histórico do manuscrito cracoviense, afirmando que é fundamental para conhecermos “los círculos intelectuales que, en las ciudades de Lisboa, Évora y Porto promovieron la copia y el estudio del *Cancionairo da Ajuda* durante la primera mitad del siglo XIX” (Arbor Aldea, 2008^a: 47). Segundo a estudiosa, o maior interesse desta cópia consiste na sua importância para sabermos hoje “como era o cancioneiro no momento do seu achado em Lisboa, é dizer, cando aínda non se incorporaran á súa estrutura os once folios que se localizarían anos depois en Évora, e que serían enviados á capital portuguesa en 1843” (Arbor Aldea, 1998^b: 17). Não obstante, já para Ana Maria Ramos, é indiscutível que o manuscrito da BJ, junto com outras cópias oitocentistas do códice da Ajuda

que circulavam nos primórdios da Filologia Românica, são úteis, hoje, para a reconstituição da história da disciplina e para a definição do quadro intelectual, que se gerou à volta da descoberta do *Cancioneiro* ao longo do século XIX. No entanto, nenhuma delas oferece um estágio textual que esclareça ou melhore a situação actual do códice, porque, na realidade, estamos na presença de testemunhos equivalentes a “codices descripti”. (2008: 355)

Além do mais, no caso do manuscrito resguardado em Cracóvia a datação da cópia proposta pelos supramencionados estudiosos não parece ser definitiva, tendo em vista o facto de as marcas de água das folhas deste exemplar serem datáveis a partir de 1811. É evidente que a génese e o percurso do manuscrito são ainda algo obscuros e, com efeito, mereceriam um novo esforço de pesquisa.

Não só a literatura, mas também a história de Portugal durante a Idade Média, cheia de episódios heróicos protagonizados por grandes cavaleiros e excelentes guerreiros, atraía a atenção dos intelectuais

²¹ O ex-libris com um brasão e a inscrição: *EK MEPOYΣ ΓΙΝΩΣΚΟΜΕΝ.* / *Ex Libris / Carol. Herman. de Thile.* A anotação alemã: *Geschenk des Königlischen Gesandten Herren von Thile d. 20sten October 1859.*

alemães oitocentistas, o que confirma uma cópia manuscrita da *Crónica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira Principiador da Casa de Bragança*²², incluída no acervo da biblioteca de Berlim nos anos 80 do século XIX. Esta crónica biográfica quatrocentista de autoria desconhecida²³, uma obra fundamental para estudos históricos em torno da figura de Nuno Álvares Pereira (1360-1431), foi redigida entre 1431 e 1436 ou 1443 (Almeida Calado, 1991: LXXVIII). O texto saiu impresso pela primeira vez em 1526 em Lisboa, e teve duas reedições nos séculos XVI e XVII, em 1554 e em 1623, respetivamente²⁴. O cotejo do manuscrito cracoviano com os exemplares dessas edições da obra acessíveis na Biblioteca Nacional de Portugal demonstrou que a cópia da BJ constitui uma transcrição, completa e fiel, do texto da última delas²⁵. O manuscrito de Cracóvia é uma mera cópia, provavelmente destinada a uso pessoal, talvez no âmbito de uma pesquisa no domínio dos estudos medievais ibéricos. Esta hipótese parece plausível, dado que o volume contém uma anotação em alemão, escrita por um anónimo livreiro de Leipzig, que vendeu o manuscrito à biblioteca de Berlim em 1885. Segundo esta nota, o proprietário anterior do volume foi Wilhelm Tettau. Trata-se, supostamente, de Wilhelm Albert Freiherr von Tettau (1804-1894), historiador e filólogo germânico que desenvolveu a sua atividade intelectual em Erfurt, tendo sido, entre 1854 e 1894, o Vice-Presidente da Academia das Ciências (Königliche

²² A cota do manuscrito: *Ms. Lus. Quart. I.*

²³ As hipóteses sobre a autoria da obra, atribuída a Fernão Lopes, Gil Airas ou outras figuras, foram sucessivamente derrubadas pela crítica especializada. Outras informações em: Almeida Calado, 1991: LXXVIII-CXVI.

²⁴ Para conhecer as sucessivas edições da obra e os resultados do seu cotejo veja em: *ibidem*: VII-LIV.

²⁵ *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nunalvarez Pereyra principiador da Casa de Bragança. Sem mudar dantiguidade de suas palavras, nem estilo. E deste inuictissimo Condestabre procedem el Rey Dom João Teceiro, & o Emperador Carlos V. Reys, Principes, Potentados, & Grandes Senhores da Christandade, desta nossa Europa. Ao Excell^{mo} Senhor Dom Theodosio Duque de Bragança, & C, em Lisboa. Com todas as licenças, & aprovações necessárias.* Por António Alvarez Impressor, & Mercador de livros, e sua custa, Anno de 1623.

Akademie gemeinnütziger Wissenschaften zu Erfurt) e publicado vários trabalhos de índole histórica e literária, centrados, em grande parte, na Idade Média.

O manuscrito cracoviano da *Crónica* distingue-se pela sua simplicidade, o que aponta para a utilização deste volume orientada para alguns fins práticos. O mesmo poderíamos dizer acerca do outro documento português da coleção, o manuscrito com a cota *Ms. Lusitan. Fol. 3*, que reproduz, fragmentariamente, o *Foral de Alfândega de Lisboa de 1587*, concedido pelo monarca Filipe I de Portugal (Filipe II de Espanha) no período da União Ibérica entre a coroa portuguesa e a espanhola (1580-1640). De acordo com os resultados do cotejo realizado na biblioteca lisboeta, também este manuscrito deriva das edições impressas do texto, em especial da publicada em 1674²⁶ ou uma das suas reimpressões posteriores, contendo dez capítulos do *Foral* (33, 35, 37, 39, 40, 45, 47, 48, 61 e 84), provavelmente os mais interessantes ou úteis para a anónima pessoa que os copiou. Apesar de o manuscrito não estar datado, estima-se que foi executado no século XIX, o que confirmam, entre outros fatores, algumas características da linguagem. O carácter do texto, por um lado prático, e por outro histórico, leva a crer que poderia ter sido utilizado como uma fonte ou documento de referência num trabalho científico, talvez com o intuito de esclarecer melhor a realidade económica, administrativa, política e social de Portugal durante a época em que a legislação esteve em vigor naquele país.

Para terminar essa concisa aproximação aos manuscritos portugueses da Berlinka cumpre sublinhar ainda que no processo de transição da Coleção Berlinense da Biblioteca Estatal Prussiana para a cracoviense, os *Manuscripta Hispanica* e os *Manuscripta Lusitana* sofreram algumas perdas. No entanto, graças ao inventário da coleção elaborado pelo estudioso alemão Siegfried Lemm em 1918, é possível conhecer hoje os títulos, e através deles a temática geral, dos manuscritos

²⁶ *Foral da Alfândega da Cidade de Lisboa* (1674), Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, Lisboa.

portugueses desaparecidos durante a Segunda Guerra Mundial²⁷. Estes englobam duas coletâneas poéticas: a primeira que continha a lírica renascentista de Pêro de Andrade Caminha (1520-1589)²⁸ e a segunda com a poesia portuguesa do século XVII de várias autorias²⁹. Embora na atualidade seja impossível obter mais informações sobre esses volumes, já a sua presença entre os *Manuscripta Lusitana* é, em certa medida, significativa, permitindo definir melhor o perfil deste conjunto de manuscritos com uma forte componente literária.

Outro volume perdido, com um relato de viagem da época da exploração dos espaços ultramarinos pelos portugueses, parece ter uma dupla dimensão, literária e histórica. Além do mais, o manuscrito em questão, através do seu título, *Memoria del biaje que hize yo – para las Indias Orientales con la flota que partió de Lisboa en 26 de marzo del año de 1527*³⁰, mostra que essa parte da coleção, cujo paradeiro atual ignoramos, abrangia certos textos escritos em espanhol ou traduzidos para este idioma. Por outro lado, é importante acrescentar que entre os *Manuscripta Hispanica* há uma série de manuscritos referentes a Portugal, nomeadamente aos acontecimentos no território peninsular

²⁷ Informações mais detalhadas sobre os manuscritos ibéricos que em 1939 pertenceram ao acervo da biblioteca berlinense, hoje acessíveis na Staatsbibliothek zu Berlin Preussischer Kulturbesitz, e sobre os manuscritos deste conjunto perdidos durante a Segunda Guerra Mundial em: Rzepka, Sosnowski, Tylus, 2011: 11-12.

²⁸ De acordo com o catálogo de S. Lemm, trata-se do manuscrito transcrito em 1783 em Lisboa, com a cota *Ham. 25*, intitulado *Obras poéticas*, com a poesia de Pêro de Andrade Caminha (1918: 195).

²⁹ A cota do manuscrito: *Ham. 567* e o título: *Maravillas do Parnazo ou Collecção especial de várias flores poéticas cultivadas nos jardins de Apolo por alguãs das mais estimaveis muzas portuguezas. Junto e escrito (...) de Silverio Manoel de Rezende* (séc. XVII), 1774. O título do manuscrito aponta para o compilador desta coleção. Relativamente à história de ambos os volumes, dada a abreviatura *Ham.* incluída nas suas cotas (*Ham. 25* e *Ham. 567*), pode-se constatar que se trata dos manuscritos oriundos da coleção particular do célebre bibliófilo, o príncipe Hamilton, comprada pela biblioteca de Berlim em 1886.

³⁰ É uma cópia oitocentista do manuscrito do século XVI. A cota do manuscrito: *Ms. Lus. Fol. 2*.

durante as invasões napoleónicas³¹. Esta convivência e até penetração de temas e línguas nos manuscritos de ambos os conjuntos constitui mais uma prova do carácter ibérico da coleção na sua totalidade, sugerindo uma abordagem histórica e literário-cultural do seu conteúdo, na qual os temas e assuntos portugueses não deveriam ser analisados isoladamente, mas incluídos num contexto mais alargado, da Península Ibérica ou até do espaço românico em geral. O primeiro passo nesse sentido já foi dado mediante o projeto de investigação orientado para reconstruir o passado da coleção de manuscritos românicos da Berlinka, ou seja, além dos hispânicos e portugueses, também o dos franceses e italianos, já referido nestas páginas. Os seus resultados, que permitiram descobrir diversas manifestações da difusão e receção das literaturas e culturas românicas noutras partes da Europa, não exclusivamente na Alemanha (Rzepka, Sosnowski, Tylus: 2011), demonstram que esta linha de investigação, desenvolvida devidamente no futuro, pode ainda trazer frutos mais originais e inesperados.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA CALADO, A. de (1991), “Introdução” em: *Estória de Dom Nuno Álvarez Pereyra. Edição crítica da «Crónica do Condestabre» com introdução, notas e glossário de Adelino de Almeida Calado*, Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. LXXVIII-CXVI.
- ARBOR ALDEA, M., PULSONI, C. (2004), “Il *Cancioneiro da Ajuda* prima di Carolina Michaëlis (1904)”, *Critica del testo*, 7(2), pp. 721-789, <https://www.doi.org/10.1400/118436>.
- ARBOR ALDEA, M., PULSONI, C. (2006), “Per la storia del *Cancioneiro da Ajuda*: 1. Dalla sua compilazione a Ribeiro dos Santos”, *La parola del testo*, 10(1), pp. 59-117.
- ARBOR ALDEA, M. (2008^a), “Los círculos eruditos de Lisboa, Évora y Porto en la primera mitad del siglo XIX. Notas sobre la recepción temprana del *Cancioneiro da Ajuda*”, *Limite*, 2, pp. 47-78.

³¹ A título de exemplo, nos volumes *Miscelânea de manuscritos españoles* (Ms. *Hisp. Quart.* 56 e Ms. *Hisp. Fol.* 14).

- ARBOR ALDEA, M. (2008^b), “Introdución” em: Arbor Aldea, M., *Cancioneiro da Ajuda. Edición facsimilar con estudo introdutorio*, Consellería de Traballo–Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, pp. 11-51.
- ARBOR ALDEA, M. (2009), “Un código de historia material compleja: El *Cancioneiro da Ajuda*”, *Revista de Literatura Medieval*, 21, pp. 77-124.
- BENAVENT MONTOLIU, J. F. (1998), “Gregorio Mayans y el hispanismo alemán en el siglo XVIII”, *Saitabi*, 48, p. 27-50.
- BRIESEMEISTER, D. (2007), “A cultura e a literatura portuguesas na Alemanha do século XVIII: uma sinopse” em: Gouveia Delille, M. M. (ed.), *Portugal–Alemanha: Memórias e Imaginários*, vol. I: *Da Idade Média ao Século XVIII*, Minerva Coimbra, Coimbra, pp. 311-330.
- CABO ASEGUINOLAZA, F. (2010), “The European Horizon of Peninsular Literary Historiographical Discourses” em: Cabo Aseguinolaza, F., Abuín González, A., Domínguez Prieto, C. (orgs.), *A Comparative History of Literatures in the Iberian Peninsula*, vol. I, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam–Philadelphia, pp. 1-52, <https://doi.org/10.1075/chlel.xxiv.01cab>.
- ECK, R. (1991), “Origen y extensión de los fondos hispánicos de la biblioteca de Gotinga en el siglo XVIII” em: *Actas del Simposio sobre La imagen de España en la ilustración alemana: Madrid 22 a 24 de mayo de 1991*, Görres–Gesellschaft, Madrid, pp. 115-166.
- Foral da Alfândega da Cidade de Lisboa* (1674), Na Oficina de Antonio Craesbeeck de Mello, Lisboa.
- FRATESCHI VIEIRA, Y. (2005), “Paixão e paciência: Carolina Michaëlis e a filologia” em: Brea, M. (ed.), *Carolina Michaëlis e o «Cancioneiro da Ajuda»*, hoxe, Centro Ramón Piñeiro, Santiago de Compostela, pp. 17-24.
- GOUVEIA DELILLE, M. M. (2011), “Receção de Camões na Literatura Alemã” em: Aguiar e Silva, V. (ed.), *Dicionário de Luís de Camões*, Caminho, Lisboa, pp. 740-754.
- JAGLARZ, M. (2008). “The *Berlinka* in the Collection of the Manuscript Department of the Jagiellonian Library” *Fibula*, 1, pp. 15-17.
- KRAPOTH, H. (2007). “A literatura portuguesa no âmbito dos Estudos das Línguas e Literaturas Românicas na Universidade de Göttingen no século XVIII e no início do século XIX” em: Gouveia Delille, M. M. (ed.),

- Portugal–Alemanha: Memórias e Imaginários*, vol. I: *Da Idade Média ao Século XVIII*, Minerva Coimbra, Coimbra, pp. 279-310.
- LANCIANI, G., TAVANI, G. (eds.) (1993), *Dicionário da literatura medieval galega e portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- LEMM, S. (1918), *Mitteilungen aus der Königlichen Bibliothek, Herausgegeben von der Generalverwaltung, IV: Kurzes Verzeichnis der romanischen Handschriften*, Weidmannsche Buchhandlung, Berlin.
- MARTINS, C., GARRAIO, J. (2000), “Momentos da receção de Camões na literatura de expressão alemã (séculos XIX e XX)” em: Gouveia Delille, M. M. (ed.), *Camões na Alemanha. A figura de Poeta em Obras de Ludwig Tieck e Günter Eich*, Minerva Coimbra, Coimbra, pp. 15-44.
- MARTINS, C. (2000), “Camões como paradigma do artista na novela «Tod des Dichters» de Ludwig Tieck” em: Gouveia Delille, M. M. (ed.), *Camões na Alemanha. A figura de Poeta em Obras de Ludwig Tieck e Günter Eich*, Minerva Coimbra, Coimbra, pp. 45-185.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. (1990), *Cancioneiro da Ajuda*, 2 volumes, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa (1ª ed. Max Niemeyer, Halle, 1904).
- PARKER BRIENEN, R. (2006), *Visions of Savage Paradise. Albert Eckhout, Court Painter in Colonial Dutch Brazil*, Amsterdam University Press, Amsterdam.
- PIETRZYK, Z. (2005), “Book Collections from the Former Preussische Staatsbibliothek in the Jagiellonian Library”, *Polish Libraries Today*, 6, pp. 81-87.
- PIETRZYK, Z. (2008), “Zbiory z byłej Pruskiej Biblioteki Państwowej w BJ”, *Alma Mater*, 2, pp. 15-19.
- PINHÃO RAMALHEIRA, A. M. (2004), “Portugal na Alemanha da «Aufklärung». O estigma do sebastianismo messiânico” em: Marinho, M. de F. (ed.), *Literatura e História. Atas do Colóquio Internacional*, Universidade do Porto, Porto, vol. II, pp. 155-167.
- RAMOS, A. M. (2008), *O «Cancioneiro da Ajuda». Confecção e escrita*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa, [on-line] http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/553/1/17066_o_cancioneiro_1.pdf.
- RZEPKA, A. (2014), “Brazylijskie skarby Biblioteki Jagiellońskiej w Krakowie” em: Pudo, D., Rzepka, A., Wrana, M. (eds.), *Pismo, lektura*,

biblioteka w dawnych literaturach romańskich, Collegium Columbinum, Kraków.

RZEPKA, A., SOSNOWSKI, R., TYLUS, P. (2011), *Historia kolekcji rękopisów romańskich z byłej Pruskiej Biblioteki Państwowej w Berlinie, przechowywanych w Bibliotece Jagiellońskiej w Krakowie – studium ogólne*, Uniwersytet Jagielloński, Kraków.

Skarby Biblioteki Jagiellońskiej (2009), Prowincjonalna Oficyna Wydawnicza, Proszówki–Kraków.

STUART DE ROTHESAY, Ch., (1823), *Fragmentos de hum Cancioneiro inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa, impresso á custa de Carlos Stuart Socio da Academia Real de Lisboa*, em no Paço de Sua Magestade Brittanica, Paris.

WHITEHEAD, P. J. P., BOESEMANN, M. (1989), *A Portrait of Dutch 17th Century Brazil. Animals, Plants and People by the Artists of Johan Maurits of Nassau*, North-Holland Publishing Company, Amsterdam–Oxford–New York.